**ÓBITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE AGRESSÃO: ESTUDO DESCRITIVO DE 2015 A 2018**

**Gabriela Rodrigues Moreira Florêncio1, Bruna Fernandes2, Dagna Karen de Oliveira³, Dyayne Carla Banovski4, Paula Bragato Fugatami5, Renata Bragato Fugatami6**

*Resumo:* A violência na infância e na adolescência engloba qualquer abuso físico, sexual, psicológico, abandono, negligência e/ou privação de cuidados. Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente considere esse grupo como sujeitos de direitos, garantindo-lhes prioridade absoluta, ainda há índices elevados dessa agressão no país. Objetiva-se descrever os óbitos decorrentes da agressão na infância e na adolescência (CID-10 X85 a Y09), no Brasil, entre os anos de 2015 a 2018. Trata-se de um estudo descritivo, transversal e retrospectivo dos óbitos, em menores de 14 anos vítimas de agressão, segundo dados do Ministério da Saúde, de 2015 a 2018. Para a análise, foram selecionados os diagnósticos por agressão, conforme CID-10 (X85 a Y09). Os dados foram planilhados e analisados por estatística descritiva. Na amostra, observou-se 3614 registros de óbitos infantis por agressão, com redução de 2015 (957) para 2018 (803) de mais de 16%.  O sexo masculino predomina em todas as idades com destaque entre 10 a 14 anos (80%), faixa etária que configura 66,93% dos registros de óbitos ocorridos entre menores de 14 anos. As quatro principais causas de óbitos infantojuvenis (79,33%) são representadas pela agressão por disparo arma de fogo ou não especificada (1952), agressão por objeto cortante ou penetrante (386), agressão por meios não especificados (290) e agressão por meio de objeto contundente (239). O sexo masculino segue como predominante, também, ao avaliar as causas do óbito, com exceção da agressão sexual por meio de força física, que prevalece no sexo feminino (73,52%).  Embora os dados reflitam uma redução de 16% dos casos de óbitos decorrentes de agressão entre os anos de 2015 a 2018, o Brasil ainda está classificado entre os cinco países, sem conflito armado, com as maiores taxas de homicídio entre as crianças e adolescentes. A clínica do abuso ainda é um desafio aos profissionais de saúde, de acordo com a literatura, uma vez que é um tema pouco explorado durante a formação, com falta de treinamento continuado e adequado para a identificação da agressão, o que pode gerar uma invisibilidade da violência infantojuvenil, e consequentemente baixa de notificação. O predomínio do sexo masculino no número de casos, corrobora com outros estudos observacionais que identificaram esse sexo como fator de risco para a agressão. No entanto, ao investigar o abuso sexual, o sexo feminino é o mais acometido também em outros estudos, com uma porcentagem de até 81%. Assim, nota-se a necessidade de aprimoramento de políticas de conscientização da população quanto às ações de rastreio, denúncias e capacitação de equipes de saúde, na identificação e manejo desse público vítima de agressão.

*Palavras-chave*: Violência, Notificação, Abuso Físico